

Michel Maffesoli

PACTOS EMOCIONAIS

REFLEXÕES EM TORNO DA MORAL,
DA ÉTICA E DA DEONTOLOGIA




PUCPRESS

Michel Maffesoli

PACTOS EMOCIONAIS

REFLEXÕES EM TORNO DA MORAL,
DA ÉTICA E DA DEONTOLOGIA

Curadoria da Coleção

Fabiano Incerti



 PUCPRESS

Curitiba
2018

© 2018, Fabiano Incerti
2018, PUCPRESS

Este livro, na totalidade ou em parte, não podem ser reproduzidos por qualquer meio sem autorização expressa por escrito do Editor. As opiniões, hipóteses, conclusões ou recomendações emitidas neste material são de responsabilidade dos entrevistados.

Reitor

Waldemiro Gremski

Vice-reitor

Vidal Martins

Pró-reitor de Missão, Identidade e Extensão

Ir. Rogério Renato Mateucci

Diretor do Instituto Ciência e Fé

Fabiano Incerti

Gerente de Identidade Institucional

José André de Azevedo

Curadoria da Coleção

Fabiano Incerti

Tradução

Eduardo Portanova Barros

Revisão Técnica

Douglas Borges Candido

Eduardo Portanova Barros

Fabiano Incerti

José André de Azevedo

PUCPRESS

Coordenação

Michele Marcos de Oliveira

Editor

Marcelo Manduca

Editor de arte

Rafael Matta Carnascial

Preparação de texto

Camila Fernandes de Salvo

Revisão

Camila Fernandes de Salvo

Capa e projeto gráfico

Rafael Matta Carnasciali

Diagramação

PUCPRESS

Imagens de capa e miolo

Montagens à partir das imagens

Fotolia 169157308

Fotolia 165513624

PUCPRESS / Editora Universitária Champagnat

Rua Imaculada Conceição, 1155 - Prédio da Administração - 6º andar

Campus Curitiba - CEP 80215-901 - Curitiba / PR

Tel. +55 (41) 3271-1701 | pucpress@pucpr.br

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas — SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Luci Eduarda Wielganczuk — CRB 9/1118

M187p
2018

Maffesoli, Michel

Pactos emocionais : reflexões em torno da moral, da ética e da deontologia /

Michel Maffesoli ; curadoria de Fabiano Incerti ; tradução de Eduardo

Portanova Barros. — Curitiba : PUCPRESS, 2018.

80 p. ; 21 cm (Café filosófico, v. 2)

Tradução de: Morale, éthique, déontologie

Inclui bibliografias

ISBN 978-85-54945-38-1

978-85-54945-37-4 (E-book)

1. Filosofia. 2. Teologia. 3. Ética cristã. 4. Ética. 5. Religião. I. Incerti, Fabiano. II. Título.

18-026

CDD 20. ed. - 100

PREFÁCIO

Por que não admitir com modéstia (e lucidez, quando observamos as histórias humanas) que o tempo linear, seu desenrolar controlado e, também, sua homogeneidade, em suma, que todas essas coisas que caracterizam o mito do Progresso são apenas uma das maneiras de entender e viver esse tempo. Tempo peculiar à modernidade dominada pela escatologia individual e universal: todos à espera de um mundo melhor, um mundo por vir. A vida real era postergada e a sociedade perfeita da teoria marxista foi a expressão mais acabada disso. Posso lembrar, para meus amigos brasileiros, o fundamento desse mito: a moral. E o que está em via de sucedê-la: a ética comunitária e a deontologia próprias da vida cotidiana.

1) Moral

Foi naquela tensão que se desenvolveram, gradualmente, a organização social, o sistema educacional e, em suas diversas formas, a economia, que dominou a vida coletiva e acabou determinando a existência individual. Foram nessas bases que se constituíram os laços sociais, essencialmente racionais, evacuando, ou, pelo menos, marginalizando todos os afetos: emoções, paixões, sentimentos (relegados atrás do muro da vida privada).

É contra o fraseado melódico dessa temporalidade dialética que o surgimento do emocional surge e se impõe. A cultura pós-moderna exige outra temporalidade: a do *Kairos*, isto é, a oportunidade, a aventura, a sucessão de momentos centrados na intensidade do momento, no júbilo do efêmero, na felicidade de viver e curtir o que se vive *aqui e agora*. Ressurgimento sempre e, novamente, hoje, do eterno *carpe diem*. No entanto, um hedonismo tão popular como esse que constitui a atmosfera do momento exige, pois, outra concepção do tempo: o *presenteísmo*.

Isso nos obriga a admitir, apesar da relutância intelectual, que, em certos momentos, a flecha do tempo pode curvar-se, se não em um círculo, pelo menos em *espiral*. Admitir que há ciclos. Isso é o que a mais elementar da honestidade intelectual nos obriga a reconhecer: ciclos históricos, ciclos econômicos, ciclos políticos na esfera pública, ciclos de afetos, ciclos de sentimentos, ciclos de amor ou amizade na esfera privada. Estas são as formas mais básicas do eterno retorno.

Podemos também referir-nos a esta citação deste eterno rebelde e não conformista, no caso, que é Leon Bloy. Aquele que era mais católico do que cristão — quero dizer que há no catolicismo uma reminiscência pagã, mágica e mesmo animista — não hesita em notar que “é uma lei constante, absoluta, na vida espiritual como na vida sensível, que há apenas substituição e não evolução”. Essa ideia pode sobressaltar muita gente, em transe como estamos por esse racionalismo progressivo, o que constitui o não dito sobre o qual repousa a essencialidade das ações e dos discursos da *intelligentsia* no seu todo.

Nesse sentido, o caminho do pensamento que propomos consiste em nos afastarmos da temporalidade peculiar a essas teorias de emancipação que acompanharam a mitologia do Progresso. Em outras palavras, e do que se pode observar no cotidiano e em seu hedonismo recorrente, tomar distância. Exercer o direito ao desapego. Implementar um relativismo teórico que esteja de acordo com o relativismo vivido na vida social.

Heidegger mostrou, em várias ocasiões, que foi a ênfase colocada em um humanismo estreito, no homem como “animal racional”, que se levou a conceber o mundo como resultado apenas de atividades, invenções: ou seja, um mundo “construído” que convinha dominar. Isso resultou nesse “animal racional” que se tornou uma besta de trabalho vagando por uma terra devastada. Dessa devastação do mundo, cujos efeitos vemos todos os dias, surgiu, como consequência, um *prometeísmo* racional enfurecido! A moral, como “lógica do dever ser” (M. Weber), é a causa e o efeito desse *progressismo*.

2) Ética

Ora, em certas ocasiões, a heterodoxia consiste em saber como pensar o *patético* do mundo. É o retorno do *pathos* diante da cena social. Esse é o coração pulsante da cultura pós-moderna. Numa altura em que a preocupação com o *panem et circenses* está sendo revertida fortemente, não podemos ficar satisfeitos com a cantilena do racionalismo progressista. Até podemos continuar a fazê-lo, e isso é, exatamente, a base dos *livros* de sociólogos, filósofos e outros *experts* que uma imprensa sem grande imaginação ou ousadia idolatra. Mas isso testemunha, no seu mais alto grau, os estragos do dogmatismo conformista. Durkheim diria “conformismo lógico”.

Na verdade, trata-se da vida envolvida no *pathos societal* próprio da contracultura em gestação. A vitalidade, o vitalismo expressando-se de maneira histérica, multidões fascinadas e sideradas pelos vários eventos esportivos testemunham isso, bem como os encontros musicais, que são a expressão acabada disso, e o afloramento dos múltiplos fenômenos religiosos. Tudo isso mostra, obviamente, que a razão racional não é mais o elemento-chave do vínculo social.

Mas, além dessas efervescências, o “querer-viver” da vida atual sublinha perfeitamente que, apesar do que se chama crise, por meio dos rituais diários, dos pequenos prazeres da existência e de um hedonismo de bom augúrio; enfim, que, apesar da crise, existe, por outro

lado, uma preocupação — antropológicamente enraizada — de permanência do ser. E é essa tenacidade, de inegável coragem popular, que é necessário ver e entender.

Mesmo se não soubermos tirar todas as suas consequências, lembremo-nos do que Pascal afirma: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”. O sociólogo Max Scheler, por sua vez, sublinhou a importância do sentimento, do *ressentimento* nas próprias raízes desse estar-junto. De minha parte, indiquei, há mais de trinta anos, em *O tempo das tribos*, que aquelas raízes se fundam sobre o *sentimento de pertença*.

É tudo isso, e muitas outras coisas, que a experiência diária nos ensina e que deveria encorajar-nos não a reduzir o conhecimento apenas ao cognitivo, mas nos obrigar, também, a pensar com os sentidos, colocando em prática o que eu chamei de “razão sensível”. E isso para entendermos as características essenciais — posso dizer as formas “criptografadas” — da existência cotidiana, que é, aparentemente, anódina, mas secretamente intensa, o que exige que também saibamos pensar com o coração.

O racionalismo abstrato (moralista) se contenta em explicar o mundo reduzindo-o ao seu menor denominador comum: economia, cultura ou religião e outras atitudes disjuntivas. A *razão sensível* atesta a complicação desse mesmo mundo. É o coração pulsante da ética cotidiana. Vê complexidade e as muitas facetas daquilo que, em uma palavra, é conhecido como seu aspecto holístico.

3) Deontologia

Holismo: esse é um termo que encontramos em Durkheim nesta *New Age* contemporânea. Não no mesmo sentido, obviamente. Mas, em ambos os casos, trata-se de relacionar o individual ou o particular ao conjunto em que estão situados. Ou seja, não se trata apenas uma parte do humano, como, por exemplo, o cognitivo e a razão — o que seria bastante esquizofrênico (no sentido simples deste termo) —, mas também à “inteireza” do ser.

Inteireza é devolver suas cartas de nobreza aos sonhos, à paixão, à emoção. Trata-se de um termo demasiado acadêmico, mas que é amplamente utilizado. É uma indicação inegável de que o lúdico resume bem a *multidimensionalidade* reivindicada, sempre mais, na *socialidade* própria da pós-modernidade. *Socialidade* holística renovada com a *parrhesia*, a arte de dizer a verdade que encontramos em Sócrates, os cínicos, os estoicos e outras escolas filosóficas gregas. *Parrhesia* a respeito da qual Michel Foucault mostra sua relevância contemporânea.

É aqui que entra a “deontologia”: o *conhecimento das situações* (em grego *ta deonta*). Deontologia que é baseada nesta conexão estreita entre a vida livre e o pensamento, também livre. De Abelardo aos libertinos do século XVIII, sem esquecer os protagonistas das *Luzes* — e poderíamos dar inúmeros exemplos nesse sentido —, é recorrente que o conhecimento e a libido se complementam harmoniosamente para compreendermos, em sua totalidade (inteireza), o profundo e abissal desenho da natureza humana.



Em 2017, Michel Maffesoli foi um dos convidados do Instituto Ciência e Fé da PUCPR para o projeto Ciclo de Conferências, que teve como tema *Uma ética para os novos tempos*. Pouco mais de um ano depois, oferecemos a vocês este texto — seguido de entrevista —, que contém as características mais próprias desse que pode ser considerado um dos mais importantes pensadores da atualidade: perspicaz, crítico e penetrante. Combinando erudição, leveza e uma sutil dose de bom humor, Maffesoli nos provoca a refletir sobre três dos principais conceitos-chaves da Filosofia: a Moral, a Ética e a Deontologia e, a partir deles, nos convida pensar novas maneiras de vivermos juntos.

Fabiano Incerti
Instituto Ciência e Fé da PUCPR

9 788554 945381



ISBN 978-85-54945-38-1

**PUCPRESS**


PUCPR
GRUPO MARISTA



**INSTITUTO
CIÊNCIA E
FÉ PUCPR**